

Política menor

Há dias, em exposição para dezenas de parlamentares, o Ministro do Exército contou que de quatrocentos inscritos no exame de seleção de nova escola militar passaram apenas dois. Explicou a reprovação em massa com a diferença entre o ensino civil e o militar, onde, frisou, não há greves. O comentário passou despercebido apesar de expressivo.

A diferença entre os dois níveis não está somente nas greves, mas suponhamos, para simplificar, que o fosse. Já seria muito. A paralisação do magistério é cada vez mais constante. Em alguns estados atingiu a quase um terço do período escolar, com visível prejuízo para os alunos, pois as famosas aulas de recuperação pouco representam. Isso ocorre quer no ensino público, quer no privado.

O senador João Menezes (PFL-PA) foi procurado, recentemente, por um funcionário do Senado que lhe perguntou se havia alguma providência a tomar contra o colégio de seus filhos, que lhe estava cobrando as prestações mensais apesar da greve que os mantinha em casa há quase duas semanas. Parecia-lhe justo que, não dando aulas, o colégio não tivesse direito a receber as mensalidades, por sinal bem caras. Não havia.

Ninguém desconhece quanto a educação é fundamental para que o País se desenvolva. O milagre japonês tem sua origem na dinastia Meiji, que, na metade do século passado, entendeu ser a educação um in-

vestimento. Enquanto no Japão os pedagogos discutem se devem ou não aumentar a carga horária, bem superior à nossa, aqui se procura diminui-la através de milhares de subterfúgios. Calculando os inúmeros feriados e os dias parados não será exagero dizer-se que nosso período escolar é dos menores do mundo.

Quando Bismarck pensou em fundar a grande Alemanha partiu da valorização do mestre da pequena aldeia, do professor de primeiro grau que, entre nós, ganha bem menos do que os continuos do Banco do Brasil, que, por sinal, estão quase sempre em greve. Em termos de prestação de serviços à Nação quem é mais importante? Distorções como essa fazem com que os professores, com salários infimos, se desinteressem pela profissão, provocando uma incontestável queda de qualidade no ensino. Os milhões de relatórios e as infindáveis conferências que procuram demonstrar o contrário são apenas desperdícios de recursos, como há em profusão no setor.

A causa educacional é, de certa forma, da redenção nacional, pois a cada dia ficamos mais inferiorizados em relação aos países em desenvolvimento. É uma questão de macropolítica, mas os deputados e senadores que ouviram o Ministro do Exército não se preocuparam com seu triste diagnóstico sobre o ensino civil. Houvesse o Ministro dito uma frase qualquer sobre candidatos a presidente, estariam todos alvorozados.